

# O ENSINO DO PORTUGUÊS, COMO SEGUNDA LÍNGUA, NA PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL E DA DIDÁTICA DESENVOLVIMENTAL: INTERLOCUÇÕES COM OS JOVENS INDÍGENAS XAVANTE<sup>1</sup>

SENA, Danielle Gonçalves<sup>2</sup>

GOMES, Marcelle Karyelle Montalvão<sup>3</sup>

MAGALHÃES NETO, Aníbal Monteiro de<sup>4</sup>

MAGALHÃES, Marly Augusta Lopes de<sup>5</sup>

**Resumo** – As vicissitudes verificadas mundialmente, têm contribuído e muito para que aconteçam, também, várias modificações no sistema de ensino das escolas públicas urbanas, principalmente, aquelas que estão de portas abertas para receber os jovens indígenas do Povo Xavante que estão deixando suas aldeias em busca de novas oportunidades educacionais na cidade de Barra do Garças/MT. Seguindo essa premissa tivemos como objetivos: elaborar algumas ações como proposta de ensino sobre Língua Portuguesa, como segunda língua, para esses jovens, tendo em mente respeitar como princípio, seus aspectos linguísticos e culturais. Assim, nossas ações se encaminharam fortalecidas com o estudo da teoria histórico-cultural e da didática desenvolvimental, de Vygotsky (2010), Leontiev (2001) e Davydov (1988) e, dessa forma, investigar o processo de aprendizagem da segunda língua, (Portuguesa), por meio de conteúdos que envolvem a alfabetização e letramento desses jovens indígenas. Nossos estudos apontaram para as dificuldades enfrentadas por eles, uma vez que, vivem distantes do convívio familiar, em espaços urbanos. Dessa forma, buscamos aproximar o máximo de nossas ações, aos seus aspectos linguísticos e culturais solidificando a convivência deles no universo de outra escrita e de outra oralidade. Para o desenvolvimento da pesquisa utilizamos a metodologia qualitativa, com a profundidade de entendimento do grupo social pesquisado.

**Palavras-chave:** Didática Desenvolvimental. Teoria Histórico-Cultural. Ensino de Língua Portuguesa. Jovens Indígenas.

---

<sup>1</sup> Segundo explicação do Geógrafo Gedeão da Aldeia Namukurá, a palavra xavante não se flexiona.

<sup>2</sup> Graduada em Letras pelo Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS), Campus Universitário do Araguaia (CUA), Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3048400480903678>. E-mail: [daniellegsenahotmail.com](mailto:daniellegsenahotmail.com).

<sup>3</sup> Professora da Educação Básica pela SEDUC/MT. Especialista em Educação Física pela Faculdade de Educação São Luís (FESL). CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1289695910245331>. E-mail: [marcelle\\_karyelle@hotmail.com](mailto:marcelle_karyelle@hotmail.com).

<sup>4</sup> Professor Associado do Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde (ICBS), CUA, UFMT. Professor Colaborador da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Doutor em Genética e Bioquímica pela UFU. Co-orientador desta pesquisa. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5023174064373373>. E-mail: [professoranibal@yahoo.com.br](mailto:professoranibal@yahoo.com.br).

<sup>5</sup> Professora Associada do ICHS, CUA, UFMT. Doutora em Ciências Linguísticas pela Universidad Central de Las Villas (UCLV), Cuba. Orientadora desta pesquisa. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0193075755864121>. E-mail: [professoramarlyaugusta@gmail.com](mailto:professoramarlyaugusta@gmail.com).

## Introdução

A convivência acadêmica nos proporcionou debates em várias frentes: desde as reuniões, seminários, semanas de Letras, todas direcionadas aos estudantes e docentes dos vários semestres do Curso de Licenciatura em Letras, que foram promovidos visando o envolvimento e participação de todos acadêmicos do Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Campus Universitário do Araguaia (CUA). Dentre as promoções que objetivaram os vários debates sobre as questões científicas e educacionais, houve também momentos de preparação e reflexão sobre a nossa prática profissional, assim, após vários meses de sondagem, surgiu o desejo de realizar a nossa pesquisa voltada aos jovens indígenas da etnia Xavante, em sua realidade urbana.

Nas últimas décadas percebemos que os desajustes econômicos, sociais e, sobretudo, educacionais têm contribuído para elevar de forma crescente a migração dos povos indígenas, das aldeias para as cidades, principalmente, os povos Xavante. É inegável que o agravamento das políticas públicas tem impactado negativamente a vida de muitos jovens indígenas em suas aldeias. O que lhes têm provocado fortes inquietações sobre o ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa, como segunda língua, motivando-os rumo a novas mudanças linguísticas e culturais, conforme nos apontaram as estatísticas educacionais, que têm uma correlação direta com a presença deles em contextos urbanos. Dessa forma, percebemos que o pêndulo da educação é o norte que orienta o princípio da dignidade e promoção da pessoa humana, subtraindo os dogmas negativistas, individualista, em prol de uma formação de conceitos coletivos envolvendo esses novos atores nos cenários educacionais urbanos. Assim, nos referenciamos no texto de Rosa (2008).

Desde as primeiras narrativas de contato entre os A'uwê Uptabi (autodenominação do povo Xavante) e os Waradzu (não índios) é possível perceber conflitos entre os dois grupos. Como as nações indígenas sempre tiveram uma tradição pautada na cultura oral, não se tem por parte deles registros de seus primeiros contatos com os não índios, mas é possível encontrar em relatos como os de Tseradzadzuté, e Mandú e a Pedzai'o watsu'u (história do boto) situações que denotam como pode ter ocorrido esse contato na visão dos A'uwê Uptabi.

Entender os elos que ligam os A'uwê Uptabi e os não-índios na cidade em Barra do Garças perpassa por sua localização geográfica; uma vez que, está localizada na região Centro-Oeste do Brasil, a nordeste de Mato Grosso na fronteira com o estado de Goiás e, mais especificamente, na microrregião da Amazônia Legal, denominada de Médio Araguaia, a 15° 53'24" de latitude sul e 52°15'24" de longitude oeste, distante, a 550 km da capital Cuiabá. Barra do Garças faz divisa com Araguaiana, General Carneiro, Pontal do Araguaia, em Mato Grosso e com Aragarças no estado de Goiás. O município de Barra do

Garças e Aragarças é considerado a porta de entrada da expansão para o Oeste rumo a Amazônia. (ROSA, 2008, p. 25).

Em busca de novos sentidos na realização das práticas educativas voltadas aos jovens indígenas Xavante, ancoramos a nossa pesquisa no Projeto Didática Desenvolvimental: uma organização do ensino para estudantes Xavante em Escolas Estaduais Urbanas na cidade de Barra do Garças-MT. É pertinente lembrar que o projeto está vinculado ao grupo de pesquisa, Fronteiras, Culturas, Identidades: Espaço de diálogo com povos indígenas do Araguaia/Xingu da Universidade Federal de Mato Grosso, Campus Universitário do Araguaia.

Como enfatiza Tozoni-Reis (2010, p. 1): “A pesquisa científica em educação tem como principal objetivo a interpretação do fenômeno educativo”, ou seja, o professor tem como papel principal, a produção de conhecimentos sobre esses fenômenos educativos do seu cotidiano. A partir de nossas ações reflexivas houve a preocupação e a motivação em trabalhar em uma pesquisa voltada para o **ensino do português, como segunda língua, na perspectiva histórico-cultural e da didática desenvolvimental: interlocuções com os jovens indígenas xavante**.

Por considerar que a educação é constituída por diferentes instâncias de saber, referenciamos a nossa pesquisa no o método histórico-cultural de Vygotsky, entre outros teóricos, como A. N. Leontiev, V. V. Davídov para, assim, investigar o processo de alfabetização e letramento de estudantes indígenas da etnia Xavante na segunda língua, a portuguesa, em espaços escolares urbanos.

Seguindo essa premissa tivemos como objetivos elaborar algumas ações como proposta de ensino sobre Língua Portuguesa, como segunda língua, para esses jovens, tendo em mente respeitar como princípio, seus aspectos linguísticos e culturais. Assim, nossas ações se encaminharam fortalecidas com o estudo da teoria histórico-cultural e da didática desenvolvimental, de Vygotsky, Leontiev e Davydov e, dessa forma, investigar o processo de aprendizagem da segunda língua, (Portuguesa), por meio de conteúdos que envolvem a Alfabetização e Letramento desses jovens indígenas.

Com o propósito de colaborar com estes jovens indígenas no desenvolvimento das questões linguísticas, elaboramos um experimento como atividade didático formativo, para que lhes possibilitassem a aprendizagem de alguns aspectos relevantes da Língua Portuguesa. Os jovens indígenas, em referência, têm entre dezoito e vinte e seis anos e concluíram o ensino médio nas escolas das aldeias onde residiam.

Nossas ações caminharam ao encontro do método histórico-cultural e da didática desenvolvimental, fortalecidos com o estudo da teoria histórico-cultural de Vygotsky, Leontiev e Davydov, com o intuito de investigar o processo de aprendizagem da segunda língua, por meio de conteúdos que envolvem a Alfabetização e Letramento dos estudantes indígenas da etnia Xavante.

No que diz respeito a elaboração do trabalho, a pesquisa foi desenvolvida a partir da abordagem qualitativa, que segundo Tozoni-Reis (2009, p. 10) objetiva investigar os fenômenos educativos escolar dentro, ou fora da escola, nos diversos espaços de nossa sociedade e, que, estão relacionados com o contexto histórico, político, social e cultural.

### **A Teoria Histórico-Cultural e Didática Desenvolvimental como Atividade de Ensino e Aprendizagem**

A educação não é algo que se possa dizer ser tão simples, requer habilidade, boa-vontade, conhecimentos e doação constante, uma vez que, lapida o ser humano físico e mentalmente no sentido de suas reflexões futuras. Primeiramente, para que ocorra a efetivação da prática educativa é necessária uma direção que dê sentido a formação humana dos indivíduos, tal como do processo dessa prática.

Desse modo, a atividade de ensino desempenha papel fundamental na formação e no desenvolvimento dos jovens indígenas como sujeitos conscientes de sua história cultural e social. Para melhor exemplificação, foi necessário embasamento a respeito do papel da didática. Sobre esse assunto Magalhães; Santos; Neto (2018, p. 67) afirma: “As nossas ideias acerca da didática têm sido demasiadamente tímidas e repetitivas”. E ainda ressalta que, a didática é mais do que um planejamento de ensino, por ela envolver não só o ser, como também os elementos históricos advindos de anos de existência.

Seguindo esse pensamento, Libâneo (2004, p. 6) nos detalha a importância de se discutir didática enfatizando a relevância de se aprofundar nos modos recentes de aprender e ensinar, bem como, a relação dessas práticas com o papel do professor no sentido de contribuir no desenvolvimento dos estudantes. Ainda, com base nesse ponto de vista, consideramos que o trabalho do professor é desenvolver mediações cognitivas, ou seja, condições e meios de aprendizagem dos conhecimentos pelos estudantes, principalmente, dos jovens indígenas.

A partir de nossas investigações constatamos, que os estudos e pesquisas de Vygotsky e outros, nasceram de sua atividade revolucionária, cuja finalidade era criar algo novo, uma nova ciência humana, um novo método para responder as demandas do momento histórico.

Nessa perspectiva, a criação da teoria da didática desenvolvimental e histórico-cultural desenvolveu-se no processo dialético de construção do novo homem, da nova sociedade, da nova educação, ideais perseguidos pela revolução russa no contexto da época, que, em virtude das várias guerras, fez declinar o nível da educação, pois as pessoas eram obrigadas a conviverem com outra realidade, dessa forma, essas teorias buscaram o renascimento de uma educação com bases em diferentes áreas de conhecimentos e das ciências. Seguindo os argumentos de Longarezi e Puentes (2017),

[...] a psicologia histórico-cultural e a didática desenvolvimental afirmam que o verdadeiro papel da escola é o de criar um tipo específico de orientação pedagógica que permita desenvolver no aluno aquilo que fora dela não teria condições de desenvolver: o pensamento teórico. (LONGAREZI; PUENTES, 2017, p. 22).

É importante dizer que, o processo de formação do pensamento teórico foi desenvolvido na e pela escola, lugar em que o estudante indígena e não indígena apropriaram dos conhecimentos acumulados, anteriormente, pelas gerações que os precederam, como os conhecimentos cotidianos, que são construídos e adquiridos empiricamente e se apoiam na observação, assim como, os conhecimentos científicos, que também se apoiam na observação, porém não são encontrados no cotidiano, mas nas ciências, nas artes, entre outros, que são propiciados pela escola. Para Freitas (2016, p. 4) “A função primordial da escola é ensinar, com compromisso político e ético, propiciando aos alunos a aquisição do saber sistematizado. O cumprimento desta função é um fator importante para a justiça social”.

O termo conceito deve ser entendido, na teoria do ensino desenvolvimental, como o procedimento mental que o sujeito desenvolve para deduzir relações particulares de uma relação abstrata. Ele pode ser encontrado nos conhecimentos acumulados na experiência sócio histórica da humanidade.

Como foi observado, o ensino desenvolvimental é entendido como um método organizado mediado pelo professor, a fim de contribuir com os estudantes, em seu desenvolvimento integral, não só da formação de pensamento teórico, como a de sua personalidade. Segundo Freitas (2016, p. 6), “o foco dessas teorias é a organização do ensino para a aprendizagem consciente do aluno e a formação de ações mentais com alto grau de abstração, em íntima conexão com plano externo da realidade concreta”. E, assim, contemplando o que nos expõe a autora, trabalhamos, no primeiro momento, com as questões

voltadas para a alfabetização e letramento a fim de relacionar prática educativa com as condições linguísticas e culturais específicas dos jovens Xavante.

### **Alfabetização e Letramento como Caminho para a Aprendizagem da Segunda Língua (Portuguesa)**

Com a finalidade de apontar as práticas e objetos que produzem ecos entre os estudantes indígenas, realizamos uma atividade, como um conjunto de ações escolares, com base no método Histórico-Cultural e da Didática Desenvolvimental para a Alfabetização e Letramento. Como passo inicial para tornar a aprendizagem da segunda língua (portuguesa), não só um bem individual, mas, sobretudo, um bem social para esses jovens.

Por considerarmos que, a alfabetização é uma das etapas iniciais na formação do ser humano no campo da educação e, que vai além do ato de ler e escrever, é que seguimos o conceito de Soares (2017, p. 16), que se trata de um “processo de aquisição do código escrito, das habilidades de leitura e escrita”. A autora ainda expõe, que o indivíduo é alfabetizado e letrado quando conhece o código escrito, tem habilidade no uso da leitura e escrita, dessa forma, sabendo fazer frente às demandas sociais que ultrapassam os limites da codificação e decodificação, pois será capaz de utilizar a língua em seu contexto social, organizando discursos próprios, a fim de ser entendido e, ao mesmo tempo, entender seu interlocutor.

Nesse sentido, percebemos o quanto a alfabetização e letramento são fundamentais na construção de nossas identidades, assim como, na identidade dos jovens indígenas, que ao adentrarem no mundo da leitura e escrita são estimulados a conhecer outra realidade linguística de forma mais vasta e mais crítica, foi nesse pensar que, desenvolvemos uma atividade com os estudantes Xavante em espaços urbanos. Para que assim, pudessem perceber a relevância do conhecimento de elementos pertencentes a outra cultura como garantia de inúmeras possibilidades de crescimento, tanto individual, como social, no sentido de abrir novas portas e novas oportunidades.

Referindo-se, assim, aos mesmos contextos, observamos que o letramento está vinculado com a prática da leitura e, é nesse ponto, que entra a figura do professor como mediador dessa prática. Pensando nisso, Kleiman (2005), argumenta que "Quando se ensina uma criança, um jovem ou um adulto a ler e a escrever, esse aprendiz está conhecendo as práticas de letramento da sociedade; está "em processo" de letramento (KLEIMAN, 2005, p. 5).

Nesse sentido, utilizamos o processo de alfabetização e o letramento como caminho para a atividade da aprendizagem da segunda língua, com estudantes indígenas Xavante em espaços públicos urbanos. A respeito disso, é importante dizer que os conteúdos trabalhados com os estudantes mencionados, não são os mesmos utilizados com crianças em processo de alfabetização das escolas públicas urbanas, mas sim, conteúdos voltados à realidade dos jovens indígenas Xavante. Faraco (1992) contribui melhor com esse pensamento ao argumentar que,

Em qualquer situação, o que o professor não deve esquecer é que ele é um construtor de andaimes que criam condições para que os alunos internalizem o novo saber. É preciso, portanto, trabalhar na alfabetização, sempre com elementos verbais plenos de significado para a criança e em meio a atividades significativas com a leitura e a escrita. Como nos mostra Vygotsky, a internalização de um saber qualquer é um processo ativo que emerge de formas de vida coletiva, de interação entre o aprendiz, seus pares e membros mais experientes de sua comunidade [...] (FARACO, 1992, p. 55).

Dessa forma, levando-se em consideração a nossa atividade escolar com os estudantes indígenas, percebemos como professores desses alunos, que precisamos muitas vezes construir vários andaimes a fim de criar novas condições de entendimentos por eles, principalmente, com relação ao ensino e aprendizagem da língua portuguesa, em virtude das grandes dificuldades<sup>6</sup> que encontravam provenientes do ensino das aldeias.

Diante das dificuldades apresentadas, percebemos que o processo de alfabetização deveria ocorrer de forma bilíngue, além das aulas de língua portuguesa, os alunos fariam seus trabalhos usando elementos da língua materna da própria etnia.

Assim, o ensino de língua portuguesa tornou-se mais produtivo ao ser trabalhado com elementos da língua materna dos jovens indígenas que foi promovido por discussões sobre os aspectos linguísticos e culturais, vinculando-se, ao processo de alfabetização. Diante das dificuldades apresentadas, por eles, ficou muito claro para nós que se tratava de um modo de alfabetizar, uma vez que, o conhecimento apresentado por esses jovens, sobre domínio língua portuguesa, bem como, da compreensão textual, eram bastante delicados.

---

<sup>6</sup> Podemos apontar, como dificuldades enfrentados por esses jovens, além do aprendizado de Língua Portuguesa, como segunda língua, o distanciamento cultural, os ritos sociais das aldeias, bem como, as condições mínimas de subsistências que eles se esbarram para se adaptar à rotina de vida urbana.

## Resultado das Atividades que Foram Realizadas no Processo de Ensino-Aprendizagem dos Jovens Indígenas Xavante

A atividade foi realizada com um grupo de cinco estudantes Xavante na cidade de Barra do Garças/MT, em um período de quatro meses. Com faixa etária entre 18 a 26 anos e, que já concluíram os ensinos: fundamental e médio na aldeia em que residem.

Antes de iniciarmos as atividades que iriam auxiliar esses jovens indígenas na construção do pensamento teórico, sobre o conceito de texto, foi necessário que realizássemos uma avaliação inicial e, assim, verificar os conhecimentos reais desses jovens, a respeito do conceito do que seria proposto como trabalho nas ações de ensino-aprendizagem.

Como avaliação inicial propusemos a leitura do texto “A carta e o índio” de Francisco Viana, a fim de que os alunos conhecessem melhor o que seria um texto e, assim, no decorrer das futuras ações, fossem capazes construir o conceito de texto, como também, os elementos que ele possui e sua importância para vida, por estarmos a todo momento cercados de palavras e textos, assim como, a necessidade constante de interpretá-los e entendê-los.

**AÇÃO 1:** Transformar os termos da tarefa em relação ao conceito de texto.

### Quadro 1 – Descrição da primeira ação desenvolvida na atividade

<b>Objetivo de aprendizagem</b>	Conhecer através da leitura os elementos básicos do texto.
<b>Operação 01</b>	Leitura do texto: “A carta e o índio” (Francisco Viana) <sup>7</sup> : a) A partir da leitura do texto explique o que você entendeu.
<b>Operação 02</b>	Sublinhar no texto as palavras desconhecidas: a) Colocar as palavras desconhecidas em uma sequência lógica; b) Discutir com o grupo as dificuldades encontradas; c) Socialização das respostas discutidas no grupo.
<b>Operação 03</b>	Leitura do alfabeto da Língua Portuguesa e Língua Xavante: a) Diferenciar o alfabeto da Língua Portuguesa, bem como, da Língua Xavante; b) Identificar que existem letras no Alfabeto Xavante que não existem no da Língua Portuguesa, assim como sons diferentes.
<b>Operação 04</b>	Desenvolver o processo do diálogo em Língua Portuguesa e em Língua Xavante:

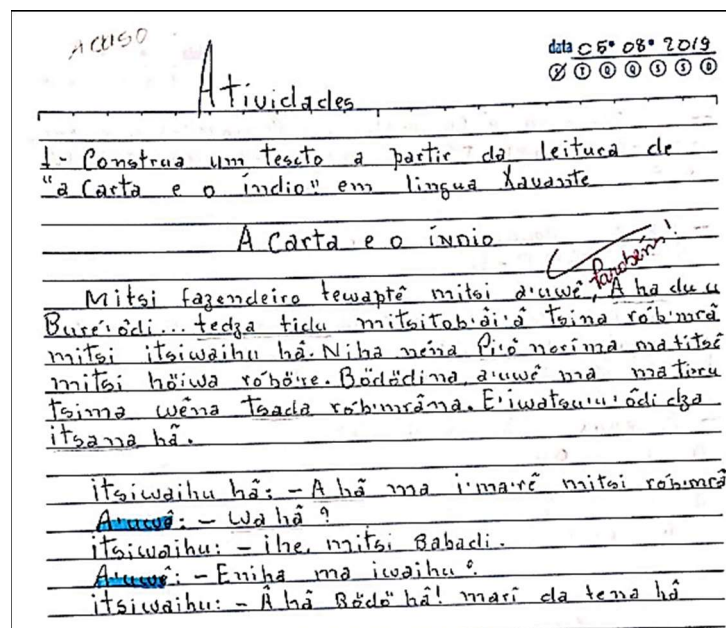
<sup>7</sup> Embora apresente aspectos que reforçam o estereótipo de preconceito quanto aos indígenas, julgamos necessário sua leitura, bem como, as reflexões acerca de seu conteúdo.



- a) Trabalhar com as formas cumprimentos na Língua Portuguesa e na Língua Xavante.

### Análise da Ação 1:

A ação 1, foi proposta com o intuito de conhecer melhor o processo de aprendizagem dos jovens Xavante, e o que eles possuíam de conhecimentos relacionados ao tema. A respeito do que foi apresentado constatamos grandes dificuldades, por eles, no entendimento do que seria um texto, tendo como maior obstáculo, a falta de conhecimento da língua portuguesa. E, mesmo propondo que fizessem interpretações escritas em sua língua materna tiveram muitas dificuldades na organização de seus pensamentos, como também, de explanarem oralmente, suas ideias para os colegas e professora. Como meta desta ação os jovens escreveram um pequeno texto sobre como foi para cada um, as aulas de Língua Portuguesa.



Fonte: Arquivo da professora.

Figura 1 – Interpretação feita por um aluno sobre o texto “A carta e o índio”.

Dessa forma, as atividades propostas em cada operação foram muito significativas pois buscamos relacionar os conteúdos com os conhecimentos empíricos que eles já conheciam para que assim pudessemos caminhar com outras atividades nas ações que seguem.

**AÇÃO 2:** Modelar a relação encontrada no conteúdo em forma objetivada.

**Quadro 2** – Descrição da segunda ação desenvolvida na atividade

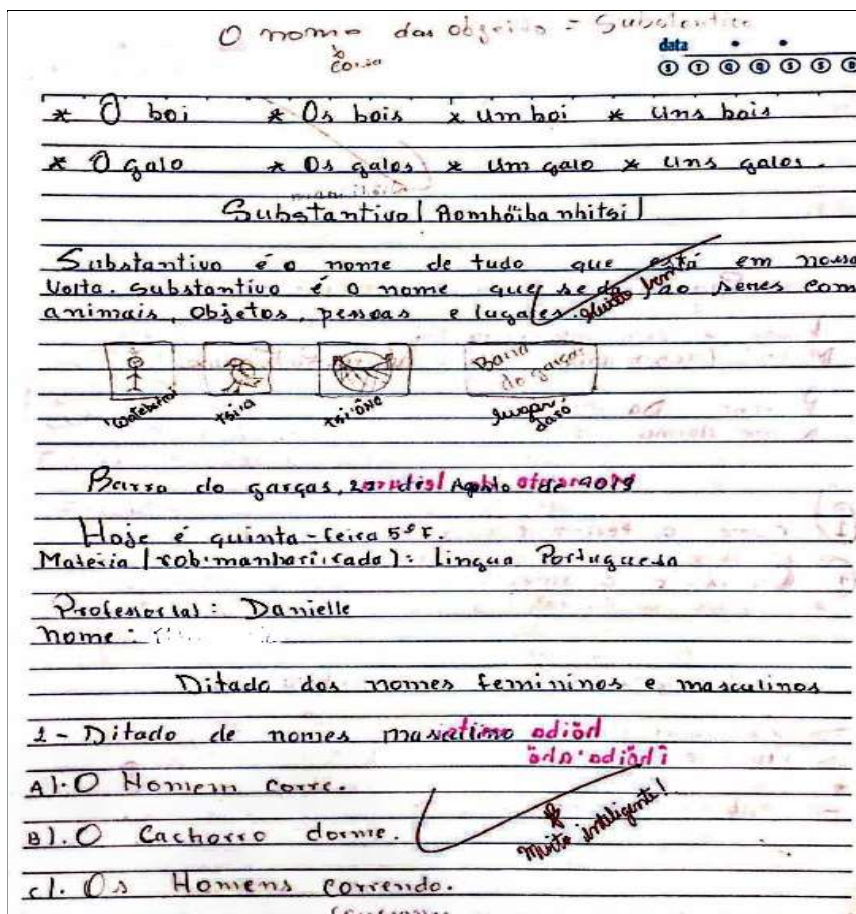
<b>Objetivo da aprendizagem</b>	Elaborar um modelo que represente o conceito dos elementos que compõe um texto.  Elaboração de um modelo em forma de desenho, que expressasse a apropriação dos seguintes conceitos artigo, substantivo, verbo e preposição:
<b>Operação 01</b>	a) Adquirir o conhecimento básico da estrutura da língua portuguesa; b) Representar por meios concretos os conceitos trabalhados; c) Compreender a relação dessa estrutura da língua Portuguesa de forma contextualizada.

**Análise da Ação 2:**

Seguindo esse pensar, desenvolvemos a ação dois (2) os objetivos operacionais com vistas a trabalhar a estrutura da Língua Portuguesa, com o foco nas palavras simples e, posteriormente, as mais complexas.

É importante dizer, que como professoras alfabetizadoras, construímos uma ponte entre os conhecimentos internalizados pelos alunos indígenas, assim utilizamos em nossas atividades palavras da própria realidade dos jovens estudantes, para que compreendessem melhor o contexto trabalhado e, desta forma pudessem relacionar com as classes de palavras artigo, substantivo, verbo e preposição, conteúdos em que eles apresentaram maior dificuldade de compreensão.

Ressalta-se, que esses conteúdos foram aplicados a fim de que percebessem que todos os conteúdos trabalhados, como os sons das letras, formação de palavras, substantivos, verbos, preposições, artigos, bem como, os parágrafos são utilizados na construção de um texto.



Fonte: Arquivo da professora.

Figura 2 – Desenho representando o conteúdo trabalhado

Nesse sentido, caminhamos para a relação das classes de palavras em seu uso real, relacionando-o e identificando-o no próprio texto, a fim de que compreendessem que os substantivos são os nomes das coisas e objetos que fazem parte de nosso cotidiano.

**AÇÃO 3:** Transformar o modelo com vistas a estudar as propriedades intrínsecas do conteúdo.

### Quadro 3 – Descrição da terceira ação desenvolvida na atividade

<b>Objetivo da aprendizagem</b>	Relacionar as classes gramaticais com o texto lido, partindo da formação de frases simples às complexas.
<b>Operação 01</b>	Produção de frases a partir das leituras de vários modelos de textos bulas de remédios, músicas, cartas e histórias em quadrinhos: <ul style="list-style-type: none"> <li>a) Socializar com os colegas sobre o entendimento das leituras.</li> </ul>

### Análise da Ação 3:



A ação três, contempla a apreensão conceitual das classes gramaticais apresentadas na modelação (Ação dois). Trabalhamos levando em consideração seus conhecimentos empíricos

a fim de que eles pudessem relacioná-los aos conhecimentos teóricos, que se trata de um processo psíquico voltado para a busca de novas descobertas. A respeito disso, alguns dos jovens indígenas conseguiram assimilar muito pouco as atividades apresentadas, dessa forma, foi necessário que praticássemos, intensamente, nossas ações. Nas atividades propostas percebemos que os jovens indígenas não conheciam as classes gramaticais da Língua Portuguesa, ao usarem em suas produções escritas, bem como, em suas expressões orais, como por exemplo, "*Eu ir banheiro professora!*" empregos linguísticos recorrentes desses jovens indígenas em suas práticas diárias.


Como percebemos, tanto o verbo como a preposição, são empregadas de forma incorreta, segundo as normas institucionais, diante disso, desenvolvemos algumas atividades tanto escritas como orais, a fim de que pudessem usar adequadamente as classes gramaticais. Pois, diante de tais dificuldades, percebemos que era o grande salto que precisávamos dar sobre o universo educacional desses jovens indígenas.


**Atividades (ítsihõtö'ru)**


**1) Construa as frases:**


a- (O/A)  corre para pegar (o/a) .  
*Os homens corre para pegar a lença.*

b- (Os/As)  carregam a tora de buriti.  
*Os homens carregam a tora de buriti.*

c- (Os/As)  descansam na sombra.  
*Os bichos descansam na sombra.*

d- (Os/As)  comem carne de anta.  
*Os homens comem carne de anta.*

e- (A/O)  constrói um cesto.  
*A mulher constrói um cesto.*

f- (A/O)  dá muitos frutos.  
*O jatoba dá muitos frutos.*

Fonte: Arquivo da professora.

**Figura 3** – Atividade de construção de frases e emprego do verbo utilizando imagens do cotidiano da cultura Xavante

**AÇÃO 4:** Construção de um problema específico que pode ser resolvido mediante aplicação do conteúdo.

**Quadro 4** – Descrição da quarta ação desenvolvida na atividade

<b>Objetivo da aprendizagem</b>	Produzir um texto que contemplasse todas as classes gramaticais e conteúdos trabalhados.  Elaboração de um texto a partir das leituras: “A onça” “A pesca” “O jatobá”.
<b>Operação 01</b>	a) Identificação dos elementos que compõem um texto; b) Relação do texto com a gramática; c) Socialização dos textos produzidos.

**Análise da Ação 4:**

Para obter o resultado dessa ação, trabalhamos com diferentes modelos de texto por entendermos que a leitura e a produção textual são também, um ato intercultural, por isso, buscamos construir momentos que contemplassem não só leituras canônicas, como também, as que faziam parte da cultura dos próprios estudantes indígenas Xavante.

O momento se tornou muito prazeroso e de grande aprendizado não só para eles, mas também para nós como professores, pois conforme Gadotti (2002) “Ensinar é mobilizar o desejo de aprender, pois mais importante do que saber é nunca perder a capacidade de aprender” (GADOTTI, 2002, p. 35). Dessa forma, utilizamos esses momentos para conhecer melhor a realidade cada um, sobre suas histórias, sua cultura e, dessa forma, conseguirmos a confiança deles e o interesse pelo hábito de leitura.

Com o tempo, percebemos o quanto gostam de compartilhar sobre sua cultura, e o quanto a respeitam. Para os jovens Xavante esses momentos das leituras foram fundamentais, pois foi a partir deles que começaram a desenvolver seus vocabulários, a produção escrita e, sobretudo, a confiança em si mesmos, cada um queria colocar o seu ponto de vista nos momentos de diálogos com os colegas e com a professora. Exemplificando com textos produzidos pelos jovens, ao final da operação proposta.

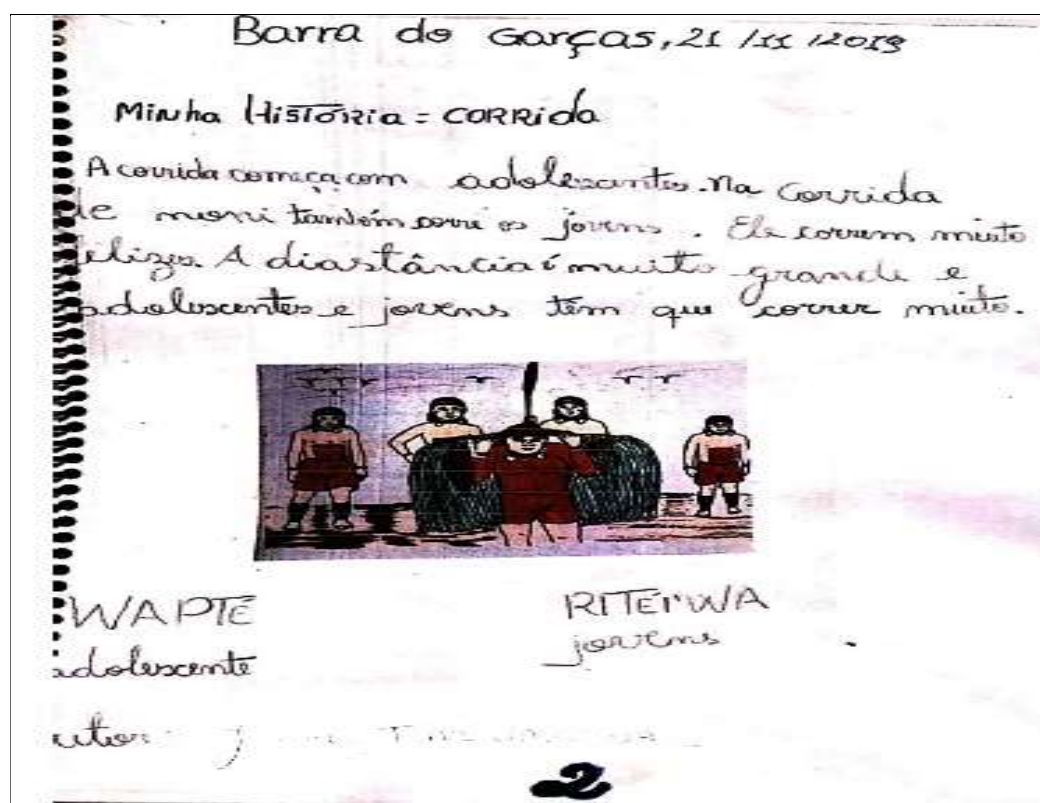
*Primeiramente, estudei aqui na cidade de Barra do Garças, sobre a Língua Portuguesa, porque eu quero aprender. A minha professora ensina para nós sobre a Língua Portuguesa. A professora conheceu um pouco nossa língua. Ela explicou para nós a Língua Portuguesa. Eu gostei da professora porque ela me ensinou o verbo, preposição e criar frases, eu quero aprender mais a língua portuguesa. Ano que vem quem vai me ajudar? eu não sei, ninguém sabe, Deus que sabe. (Texto produzido por um dos jovens participantes do experimento, 2019)*

Além de apresentarem as produções escritas, mostraram também, em forma de desenhos:



Fonte: Arquivo da professora.

Figura 4 – Construção de um texto em forma de desenho, empregando o verbo “cantar”



Fonte: Arquivo da professora.

Figura 5 – Texto sobre a história da corrida do Noni



## ACÇÃO 5: Controle da ação de aprendizagem do próprio aluno.

### Quadro 5 – Descrição da quinta ação desenvolvida na atividade

<b>Objetivo da aprendizagem</b>	Aplicar o modo geral para a resolução de situações-problema.
<b>Operação 01</b>	Elaboração e resolução de uma situação-problema relacionada a produção textual dos jovens indígenas: 1 Produção textual; 2 Socialização de suas aprendizagens.

### Análise da ação 5:

A meta com essa ação foi a apresentação detalhada sobre a produção textual que permeou o processo de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa (como segunda língua), para os jovens indígenas xavante, em contexto escolar urbano, a fim suscitar reflexões críticas acerca do domínio do conteúdo trabalhado.

Dessa forma, a apropriação do conhecimento apresentado pelos jovens indígenas dependeu, sobretudo, do modo como o ensino foi organizado e disponibilizado, respeitando o desejo, a capacidade de aprender de cada um, durante a execução de cada atividade proposta. Como exemplo, destacamos pequenos textos, de como foram as atividades desenvolvidas nas aulas de Língua Portuguesa, como controle de aprendizagem:

*As aulas de Língua **Português**, a professora me ensinou português, estou conversando mais. A minha Professora o trabalho dela é muito bem, ela está me cuidando de estudo. Gosto muito do meu estudo porque os estudos muito importante para mim, agora eu estou muito feliz no estudo. Eu te agradeço **meu professora**, por me ensinar a língua portuguesa. Obrigado minha Professora Danielle Pedza'rape Deus abençoe. Tchau boas férias! **Aluno A***

*Eu aprendi Língua Portuguesa, aulas boas também, aprendi escreve um pouco, leitura, gostei também dos textos, e um pouco de frases. Eu também aprendi verbo, gostei das aulas, gostei também da professora, explica bem. **Aluno B***

É necessário dizer, que cada aluno reagiu de maneira diferente na construção do conhecimento, pois cada um comportou-se de um determinado modo face a um dado momento, principalmente, de aprendizagem, uma vez que, possuem realidades e personalidades distintas. Dessa forma, os momentos de socialização que ocorriam ao término de cada atividade foram de importância fundamental, pois, assim, aconteceram grandes transformações em suas práticas individuais e interculturais.

**AÇÃO 6:** Avaliação da assimilação do procedimento geral como resultado da solução da tarefa de aprendizagem dada.

**Quadro 6** – Descrição da sexta ação desenvolvida na atividade

**Operação 01      Avaliação das evoluções dos alunos.**

### **Análise da Ação 6:**

É oportuno ressaltar, que os jovens indígenas no início das aulas, mal conseguiam ler e escrever algumas palavras ou formular pequenas frases, graças ao método histórico-cultural e da didática desenvolvimental aplicado ao ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa, como segunda língua, foi de fundamental importância para que esses jovens indígenas se sentissem mais confiantes em seu próprio desenvolvimento, mesmo com todas as dificuldades relacionadas ao conteúdo.

Considerando, que cada época produz formas distintas de compreensão para esses jovens, pois ainda, necessitam avançar muito em seus estudos, uma vez que, os conceitos absorvidos no decorrer das atividades trabalhadas, foram a sustentação básica que eles não tiveram, no ensino fundamental e médio, realizados em escolas da aldeia. O ensino da Língua Portuguesa fez com que eles percebessem que poderiam conseguir, o que antes não conseguiam, inclusive, fazer novas amizades com pessoas de outra cultura, bem como, de outra modalidade linguística.

As atividades voltadas para o ensino histórico-cultural e da didática desenvolvimental, bem como, em outros momentos históricos da vida desses jovens, foram uma tentativa de colocar em prática este método tão vasto que tem auxiliado nos diversos campos do saber não só dos estudantes indígenas, mas de todos aqueles que o utilizam nas diversas modalidades educativas. Um método que não é fácil de ser trabalhado, o que requer muitos estudos e compreensões dos termos empregados pelos diversos autores consultados. Todavia, como professores devemos estar sempre em busca do melhor para nossos alunos e, principalmente, dos jovens indígenas que deixam suas aldeias em busca de novos conhecimentos e de novas oportunidades em outros espaços culturais e sociais.

Esse caminho em busca de mudanças, é um trajeto longo a ser trabalhado, uma vez que, as desigualdades ainda existem para muitos indígenas, hoje eles frequentam as escolas, porém, ainda sentem muitas dificuldades relacionadas aos aspectos linguísticos, bem como, as



demandas culturais. Por isso, o nosso interesse em desenvolver uma atividade experimental, na tentativa de construir um ensino de alfabetização e letramento de forma intercultural.

### **Considerações Finais**

Ao finalizar, percebemos que as diferenças na instrução que propiciou aos jovens indígenas devem perpassar historicamente à sociedade envolvente. Conhecer os aspectos relacionados a esses jovens nos impulsionou a refletir sobre questão do ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa, como segunda língua, em ambientes escolares urbanos e, por conseguinte, a lançar um olhar menos preconceituoso sobre essa realidade que se espelha na atualidade.

Dessa forma, tivemos a oportunidade acompanhar de perto suas evoluções, assim, foi imprescindível que navegássemos também, nos mares linguísticos e culturais desses jovens indígenas Xavante, pois foi através desse percurso que entendemos quem realmente eram, e quais seriam seus verdadeiros propósitos ao deixar suas aldeias em busca de novas oportunidades tanto linguísticas, como culturais fora do ambiente familiar.

Nessa perspectiva, a atividade de ensino da Língua Portuguesa, como segunda língua dos jovens indígenas precisa ser ensinada desde o ingresso ao ensino fundamental. Porém, de modo a propiciar o acesso, bem como, a permanência tanto em escolas urbanas, como nas escolas das aldeias, não só apropriando e valorizando dos conteúdos essenciais da cultura do não índio, mas sobretudo, utilizando os elementos culturais que outros povos podem oferecer aos demais, na construção histórica de uma sociedade mais justa e mais humana

### **THE TEACHING OF PORTUGUESE, AS A SECOND LANGUAGE, IN THE HISTORICAL-CULTURAL PERSPECTIVE AND DEVELOPMENTAL DIDACTICS: INTERLOCATIONS WITH XAVANTE'S INDIGENOUS YOUNG PEOPLE**

**Abstract** – The vicissitudes globally verified have been contributing, a lot, to make changes at the urban public school system, especially those that are open to welcome young indigenous of Xavante people that are leaving their villages searching for new educational opportunities at the city of Barra do Garças/MT. Starting from this proposition the aims were: to elaborate actions like teaching proposal of Portuguese language as second language to these young people, having in mind the respect for their cultural and linguistic aspects. Thereby, our actions were reinforced by the study of the historical-cultural theory and developmental didactics from Vygotsky (2010), Leontiev (2001) and Davydov (1988) and thus investigate the learning process of the second language (Portuguese), through contents that involve the literacy of these young indigenous. Our studies pointed to the troubles they faced, once they were apart from the

family life and at urban places. Thus, we seek to approach the most of our actions to their linguistic and cultural aspects, consolidating their coexistence at the universe of a different writing and speaking. To the development of the research we used the qualitative methodology, with the depth of understanding of the researched social group.

**Keywords:** Developmental didactics; Historical-cultural theory; Teaching of Portuguese language; Young indigenous.

## Referências

FARACO, Carlos Alberto. **A escrita e alfabetização**. São Paulo: Contexto, 1992.

FREITAS, Raquel Aparecida Marra da Madeira. Organização do ensino na escola contemporânea: contribuições da teoria histórico-cultural. **Revista Científica de Educação**, Inhumas, v. 1, n. 1, p. 4-20, dez. 2016. ISSN: 2526-4257.

GADOTTI, Moacir. **A boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido**. São Paulo: Cortez, 2002.

KLEIMAN, Ângela. **Preciso “ensinar” letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?** Campinas: CEFIEL, 2005.

LIBÂNEO, José Carlos. A didática e a aprendizagem do pensar e do aprender: a teoria histórico-cultural da atividade e a contribuição de Vasili Davydov. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 27, set./dez. 2004. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782004000300002>.

LONGAREZI, A. L.; PUENTES, R. V. **Ensino desenvolvimental: vida, pensamento e obra dos principais representantes russos**. Uberlândia: EDUFU, 2017.

MAGALHÃES, M. A. L.; SANTOS, M. M.; MAGALHÃES NETO, A. M. A Didática Desenvolvimental: uma proposta para a formação de novos educadores no ensino superior. *In*: SIRINO, M. B.; MOTA, P. F.; FERREIRA, A. V. (org.). **Teorias e práticas da pedagogia social no Brasil**. Jundiaí: Paco Editorial, 2018. p. 67-85. (Coleção Práticas e Teorias em Pedagogia Social, v. 2).

ROSA, Luciene de Moraes. **Encontros e desencontros entre os A’uwê Uptabi e os Waradzu no espaço urbano de Barra do Garças-MT**. 2008. 119 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2008.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2017.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. **Metodologia da pesquisa**. 2. ed. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2009.

VIANA, Francisco. A carta e o índio. *In*: MORAES, Nilo da Silva. **Almanaque Cultural Brasileiro**. São Paulo, 30 set. 2014. Adaptação da obra de: MARTINEZ, Altino. Leitura

Teatralizada. São Paulo: Clássico-Científica, 1978. Disponível em: <http://almanaquenilomoraes.blogspot.com/2014/09/a-carta-e-o-indio.html>. Acesso em: 8 fev. 2020.

VYGOTSKY, L. S. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. *In*: VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 10. ed. São Paulo: Ícone, 2010. p. 103-118.